

---

# A Ciência da Lógica: Uma leitura Estrutural

## The Science of Logic: A Structural Reading

Marco Aurélio de Medeiros Jordão<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise introdutória da obra “Ciência da Lógica” de Hegel. Pretendemos prosseguir com uma leitura mais estrutural do texto, analisando os argumentos e expondo a sua tecedura. Portanto, não problematizaremos o texto de Hegel a partir de outros autores ou tentaremos “atualizar” seu pensamento, nos prenderemos ao texto e a ele nos remeteremos. Para tal propósito nos debruçaremos na introdução da “Ciência da Lógica”, de tradução do professor Marco Aurélio Werle.

**Palavras-Chaves:** Ciência da Lógica; Hegel; Leitura estrutural.

**Abstract:** This paper aims to make an introductory analysis of the book "Science of Logic" of Hegel. We intend to proceed with a more structural reading of the text, analyzing the arguments and exposing them. Therefore we don't make any problematical considerations of Hegel's text, or from other authors, nor try to "update" their thinking. Our focus is the text and we will refer to the text. For this purpose we will lean on the issue of "Science of Logic", translation of Professor Marco Aurélio Werle.

**Keywords:** The Science of Logic; Hegel; Structural reading.

O presente artigo tem como objetivo fazer uma análise introdutória da obra “Ciência da Lógica” de Hegel. Faremos uma leitura mais estrutural do texto, analisando os argumentos e expondo a sua tecedura, pois acreditamos que para uma obra com tal complexidade esse exercício é fundamental para a compreensão mais primorosa do autor. Portanto, não problematizaremos o texto de Hegel a partir de outros autores ou tentaremos “atualizar” seu pensamento, nos prenderemos ao texto e a ele nos remeteremos. Acreditamos, com isso, que daremos uma boa contribuição para o entendimento do pensamento de Hegel, pois, sem ajuda de comentadores, procuramos exibir a

---

<sup>1</sup> Doutorando do programa de pós-graduação da PUCRS. E-mail: marfilobr@hotmail.com

forma como o filósofo estrutura o seu argumento e como ele expõe os problemas filosóficos de uma maneira primorosa.

De modo direto, logo nos primeiros parágrafos, Hegel estabelece a diferença entre as ciências convencionais e a ciência da lógica. Para ele, as primeiras se caracterizam pela separação entre o objeto abordado e o método científico empregado, além do conteúdo dessas ciências depende de outros conceitos já trabalhados ou provados por outros cientistas, tais como postulados que servem de base para demonstrações e prova de uma hipótese qualquer. Disso se segue que a essas ciências ficam reservadas a falar e pensar apenas aquilo que lhes são de interesse (incluindo aí o método), ou que está diretamente conectado com o assunto de interesses delas. De sorte que, a essas ciências resta apenas a mera aplicação “tranquila” dessas estruturas preestabelecidas (leis do pensamento, por exemplo) para o seu desenvolvimento, coisa que “o modo comum de raciocinar” é suficiente para executar.

Na lógica, por outro lado, não há tais pressuposições, já que elas são parte do conteúdo e, por isso, requer uma fundamentação mais apurada, e, portanto, não há como, de antemão, dizer o que ela é: “Não somente a indicação do método científico, mas também o conceito mesmo da ciência em geral pertence ao seu conteúdo e, na verdade, o conceito constitui seu resultado último” (HEGEL, 2011, p. 22). Assim como sobre a lógica não se pode dizer o que ela é previamente, ou a partir de pressuposições dadas *a priori*, o seu objeto de estudo, qual seja, o pensamento conceitual, também não pode ser pressuposto, mas antes, é gerado dentro da própria investigação conceitual, ou seja, o conceito e o seu objeto são construídos de modo simultâneos no pensar e não presumidos. Por isso, para Hegel (2011, p. 22), a finalidade dessa introdução que estamos analisando é “tornar acessível à representação, por meio de alguns esclarecimentos e reflexões, em um sentido raciocinativo e histórico, o ponto de vista a partir do qual essa ciência tem de ser considerada”.

O pensador alemão segue seu argumento analisando o conceito de lógica, e apresenta o problema da separação dicotômica, que o conceito tradicional instituiu, entre *matéria* e *forma*. Se a lógica, que é a ciência do pensamento, argumenta Hegel, se preocupa meramente com a *forma* como o seu pensamento se apresenta e não se dedica ao conteúdo desse pensamento, que é o essencial para a verdade, e dado pela *matéria*, então, sob esse ponto de vista,

não só a verdade real das coisas, como também o método para atingir tal verdade, não pertencem ao objeto de estudo da lógica.

A chave de refutação à tese acima exposta segue três caminhos: o primeiro trata de problematizar a ideia de que a lógica não deveria se dedicar ao conteúdo do pensamento e, com isso, abstraí-lo; e cuja função da lógica seria apenas as regras do pensar, como um instrumento independente do conhecimento. Para Hegel, não só o pensamento em si, mas também as regras do pensamento são objetos da lógica e, portanto, o seu conteúdo. Logo, acrescenta-se daí a *matéria* como sendo parte essencial da lógica.

A segunda refutação parte da tese segundo a qual as representações da lógica tradicional já não são suficientes para se compreender a própria lógica, pois essa deve ser investigada de forma mais “elevada”, nas palavras de Hegel. Para ele, a lógica tradicional se desenharia da seguinte maneira: o conteúdo e a forma se dão separadamente. Na construção do conhecimento, a matéria do conhecimento já é previamente dada por ela mesma e fora do pensamento. E este, no entanto, se apresenta como algo vazio, mas que se aproxima sedutoramente da matéria para dar forma ao conteúdo. A junção dos dois, matéria mais forma, daria o conteúdo e, assim, o conhecimento real. Hegel (2011, p. 23) é bem imagético pra explicitar isso:

(...) o objeto é algo para si consumado, acabado, que poderia dispensar perfeitamente o pensamento para sua efetividade; ao contrário, o pensamento seria algo deficiente, que primeiramente teria de se complementar com uma matéria e, na verdade, como uma forma dócil e indeterminada, teria de se adaptar à sua matéria. Verdade é a concordância do pensamento com o objeto e, a fim de produzir essa concordância – pois ela não está em si e para si dada – o pensamento deve ajustar-se ao objeto.

Na terceira crítica ao conceito tradicional da lógica e os problemas por ele trazidos, diz respeito à indeterminidade da matéria, da forma, do objeto e do conteúdo como consequência do abandono de suas diversidades. Quando essas esferas são mais determinadas, tem como consequência a separação delas e o pensamento, e portanto, fica como que preso a si mesmo: “E o determinar consciente de si pertence de todo modo apenas a ele; ele também não consegue, portanto, em relação com o objeto, sair de si mesmo e chegar ao objeto: esse

pertence, como uma coisa em si, pura e simplesmente um além do pensamento” (op. cit., p. 23).

Segundo Hegel, esse tipo de opinião, de natureza fenomênica (verdade subjetiva) que se transfere para a razão, sobre a relação entre sujeito e objeto deve ser revisto, pois traz grandes prejuízos à filosofia, já que, desse modo, a razão renuncia a si mesma e o conceito de verdade se esvai ou desaparece por completo. A metafísica antiga era menos prejudicial sobre esse entendimento do que os posicionamentos modernos (os quais estão sendo refutados por ele nessa introdução). Para os antigos, não havia separação entre o pensamento, com suas determinações, e o objeto. Eles são, na verdade, convergentes. Ou seja, o objeto está contido no pensamento, “(...) as coisas e o pensamento dos objetos concordam em si e para si, que o pensamento em suas determinações imanentes e a natureza verídica das coisas são um e o mesmo” (op. cit., p. 24).

Depois de levantar o problema, Hegel se aprofunda mais na crítica e propõe um exame mais detalhado dos caminhos que a filosofia de sua época tomou. Nesse exame, ele vai procurar entender em que momento os seus contemporâneos, em suas mais profundas reflexões, não perceberam que haveria de dar um passo a mais, mas, no entanto, recuaram, ficando o entendimento na mera especulação fenomênica sem atentar para o movimento dialético que esse estabelece: reconhecer os conflitos presentes no entendimento e procurar superá-lo, eis o funcionamento da razão.

O fundamento daquela representação tornada universal tem de ser procurado, a saber, na concepção do conflito necessário das determinações do entendimento consigo mesmo. (...) ultrapassar o imediato completo e *determinar e separar* o mesmo. Mas ela tem que *avançar igualmente* além dessas suas determinações *separadoras* e, de início, *relacioná-las*. (...) Esse relacionar da reflexão pertence em si à razão; a elevação para além daquelas determinações, que alcança a inteligência do conflito das mesmas, é o grande passo negativo para o verdadeiro conceito da razão. Mas a inteligência não realizada recai no equívoco de que é a razão que entra em contradição consigo. (...) Em vez de dar o último passo para o alto, o conhecimento, recuando do que é insatisfatório das determinações do entendimento, se refugiou na existência sensível (...). (op. cit., p. 25).

Outra vez, o movimento permanece, e esse conhecimento sabendo-se como tal não se satisfaz por ser fenomênico, mesmo que ele seja o pressuposto

para o conhecimento. Nesse momento Hegel, numa postura crítica a essa percepção, nota uma clara dualidade entre o conhecimento da coisa em si e o conhecimento fenomênico, aonde o entendimento da coisa mesma, a coisa em si, não seja possível. “É como se a um homem fosse concedido possuir uma intelecção correta, com o acréscimo de que, todavia, não seria capaz de reconhecer nada de verdadeiro” (op. cit., p. 25).

O filósofo, então, passa a refletir sobre como o idealismo transcendental tentou superar o posicionamento da filosofia crítica acerca da *coisa em si* nos termos que, segundo Hegel, o idealismo transcendental acerta ao permitir que a razão exponha suas determinações a partir da própria razão. Não obstante a isso, ele critica aquele posicionamento filosófico por adotar uma postura meramente subjetiva que impediria de se chegar ao entendimento sobre o conteúdo da verdade.

Essas posturas, da filosofia crítica e do idealismo transcendental, retiram da lógica qualquer significado metafísico. Apesar de a lógica, no estágio que se encontra não ter nenhum conteúdo “que vale como realidade e como uma questão verídica na consciência comum”, nem por isso ela é uma ciência meramente formal, diz Hegel.

Além do mais, a falta de um conteúdo na lógica é pelo fato da forma como ela é entendida pelas filosofias anteriores, é a falta de uma unidade que lhe dá sentido, por insistência de uma dualidade, por um lado, e uma postura subjetiva por outro, é que faz essa ciência não alcançar uma matéria que seja ela mesma um conteúdo. Em uma frase: “Não é preciso, portanto, continuar procurando por aquilo que se costuma chamar de matéria; não é culpa do objeto da lógica se ela deve ser desprovida de conteúdo, e sim da maneira como o mesmo é apreendido” (op. cit., p. 27).

Depois de ter estabelecido a diferença entre a ciência da lógica e as demais ciências, e como aquela era entendida de modo errôneo pelos seus contemporâneos, o próximo passo dado por Hegel é sobre a definição do conceito de ciência da lógica. De imediato, ele estabelece uma relação com o conceito de ciência tratado por ele na ‘Fenomenologia do Espírito’, cuja conclusão é de que o pensamento objetivo é o conteúdo da ciência pura:

O conceito da ciência pura e sua dedução são pressupostos no presente tratado, uma vez que a fenomenologia do espírito não é mais que a dedução do mesmo. O saber absoluto é a *verdade* de todos os modos de consciência, pois, como resultou daquele seu desenvolvimento, somente o saber absoluto resolveu totalmente a separação entre objeto e a certeza de si mesmo, e a verdade se igualou com essa certeza, como essa se igualou com a verdade.

A pura ciência pressupõe, com isso, a libertação da oposição da consciência. Ela contém o pensamento, enquanto esse é também a coisa em si mesma, ou bem contém a coisa em si, enquanto essa também o pensamento puro. Como ciência, a verdade é a pura consciência de si mesmo que se desenvolve, e tem a forma de si mesmo, isto é dizer que o ente *em-si e por-si é conceito sabido, mas que o conceito enquanto tal é o ente em-si e para-si.* (op. cit., p. 29).

O que Hegel faz, ao retomar os conceitos presentes na Fenomenologia, é mostrar o caminho que a consciência faz ao saber absoluto, no qual o espírito se sabe em figura de espírito, isto é, o saber absoluto é o saber que conceitua. A razão apreendeu o pensamento como ser e o ser como pensamento. A verdade, portanto, é em si mesma igual à certeza, mas não só isso, pois ela também possui a figura da certeza de si mesma.

*Pensar* é uma expressão que se aplica a determinação nela contida preferencialmente à consciência. Mas na medida em que é dito *que o entendimento, que a razão estão no mundo objetivo*, que o espírito e a natureza possuem *leis universais*, segundo as quais se fazem sua vida e modificações, então é admitido que as determinações do pensamento igualmente têm um valor e uma existência objetivos (op. cit., p. 30).

Na continuidade da introdução à Ciência da Lógica, o filósofo alemão demonstra a superação do dualismo partindo da crítica ao criticismo kantiano e ao idealismo transcendental, retomando a crítica a eles, já aqui mencionada:

A filosofia crítica, na verdade, já transformou a metafísica em lógica, mas, ela assim como o idealismo posterior, por temor diante do objeto, deu às determinações lógicas uma significação essencialmente subjetiva. (...) Mas a libertação da oposição da consciência, que a ciência tem de poder pressupor, eleva as determinações de pensamento acima deste ponto de vista medroso e não consumado e exige a consideração das mesmas tal como são em si e para si o lógico, o puramente racional, sem uma tal limitação e consideração.

Hegel argumenta ainda que o conceito de lógica e a forma como ela fora tratada dentro da história permanece o mesmo desde Aristóteles e, por isso,

deve-se levar em conta o desenvolvimento do espírito, pois “(...) um avanço de dois mil anos do espírito deve ter-lhe proporcionado uma consciência mais elevada sobre sua pura essencialidade de si mesma”. E a diferença desproporcional da configuração da história e todo seu desenvolvimento e as configurações da lógica e sua consciência sobre a essência pura, mostra a urgência de repensar e transformar essa ciência (op. cit., p. 31).

O próximo passo que Hegel dá é repensar o método próprio da lógica. Para problematizar o método, ele retoma a crítica de se fazer uma ciência que é destituída de conteúdo. Segundo ele, a forma como a lógica está sendo pensada a faz parecer um esqueleto sem vida, cuja aproximação com o método empírico é patente e, conseqüentemente, problemático. De forma peculiar (op. cit., p. 32), faz a seguinte crítica:

A derivação das assim chamadas regras e leis, principalmente do silogismo, não é muito melhor do que os ensaios feitos com palitos de desigual comprimento, a fim de classificá-lo e segundo a sua grandeza ou a ocupação lúdica da criança, o quebra cabeça, que consiste em recompor as partes recortadas de um quadro.

A única forma de superar esse método e, assim, dar vida àquele esqueleto através do “espírito para uma substância e conteúdo”, é construir um método com capacidade de (e)levar a lógica a ser ciência pura. Nesse caso, segundo Hegel, na Fenomenologia, tem que superar o que a tradição fez, a saber, se utilizar o método da matemática como método da filosofia.

Mas, aonde encontrar o método próprio da filosofia? O filósofo responde: “(...) a exposição do que unicamente pode ser o método verídico da ciência filosófica recai no interior do tratado da própria lógica; pois o método é a consciência sobre a forma do interior do movimento de si de seu conteúdo” (op. cit., p. 33).

Com uma reflexão anterior na Fenomenologia do Espírito, Hegel adianta que a única forma de atingir o desenvolvimento científico é reconhecer que o negativo e a contradição não são prejudiciais ao conhecimento.

A única coisa para alcançar a progressão científica (...) é o conhecimento do enunciado lógico de que o negativo é igualmente positivo ou que o que se contradiz não se dissolve no que é nulo, no nada abstrato, mas essencialmente apenas na negação de seu conteúdo particular ou que uma

tal negação não é toda negação, e sim a negação da questão determinada que se dissolve, com o que é negação determinada; que, portanto, no resultado está contido essencialmente do qual resulta.

Fica evidente que o método por ele apresentado é o **dialético**, que deixou de ser mero jogo de argumentação desde Parmênides e Platão, para ser elevado a um nível mais sofisticado em Kant (um dos maiores méritos do filósofo, segundo Hegel) e, finalmente, ser o método essencial para o entendimento humano na perspectiva hegeliana. Esse é o único método capaz de dar movimento ao conhecimento, o de compreender a coisa em si, e de estabelecer a unidade da verdade. É o único possível para a ciência pura. “É claro que nenhuma exposição pode valer como científica se ela não percorre o caminho desse método e se não é adequada ao seu ritmo simples, pois é o percurso da questão mesma”.

Dentro da dialética, o elemento especulativo, na terminologia hegeliana, significa a apreensão do que é oposto em sua unidade, é o elemento mais importante e o mais difícil para o pensamento comum, “destreinada e não livre”. Para libertar o pensamento das amarras impostas pela filosofia anterior a ele, Hegel propõe que se exercite o pensamento abstrato apreendendo os conceitos em sua “determinidade” e, assim, aprender a conhecer: “Uma exposição da lógica com este propósito teria de se apegar em seu método ao classificar (...) no que se refere ao conteúdo mais preciso, teria que se apegar às determinações que resultam como conceitos isolados, sem se entregar ao dialético” (op. cit., p. 37). Esse exercício faria com que, apesar de uma semelhança externa com a lógica tradicional, o conteúdo seria bem distinto, além de servir para exercitar o pensamento abstrato. “Ela forneceria o espírito a imagem de um todo metodicamente ordenado, embora a alma do edifício, o método que vive no dialético, não apareceria ele mesmo nela” (Idem).

O penúltimo ponto a ser comentado nessa introdução é a relação e a formação do indivíduo com a lógica. Para explicitar essa similitude, Hegel começa relacionando a lógica com a gramática. Para ele, existem duas perspectivas para aqueles que têm o contato com a gramática e a ciência aqui estudada. Se para aqueles que têm um contato inicial com ambas há uma dificuldade natural e só enxergam abstrações e vêem a imediatez dos significados e sentidos; aos que já têm domínio da língua e conhece outras, por outro lado,



podem sentir e entender a cultura e o espírito de um povo estudando a sua gramática, as mesmas regras e formas têm um sentido completamente oposto aos insipientes. O mesmo acontece na ciência da lógica. Explicita Hegel (2011, p. 38).

Assim, aquele que se aproxima da ciência encontra na lógica inicialmente um sistema isolado de abstrações que, limitadas a si mesmas, não se estendem para além dos outros conhecimentos e ciências. Aliás, comparada com a riqueza da representação de mundo, com o conteúdo que aparece de modo real nas outras ciências e com a promessa que a ciência absoluta oferece de descobrir a essência dessa riqueza, a natureza interior do espírito e do mundo, a verdade, essa ciência tem antes, em sua configuração abstrata, na simplicidade incolor e fria de suas determinações puras, a aparência de tudo realizar, menos essa promessa, a encontrar-se destituída de conteúdo diante daquela riqueza. A primeira familiaridade com a lógica restringe o seu significado a ela mesma; seu conteúdo vale apenas como uma ocupação isolada com as determinações de pensamento (...).

Hegel (op. cit., p. 39), finalmente, conclui mostrando a importância do estudo dessa ciência deveras difícil, mas que é essencial para o pensar correto e à apreensão da verdade e do saber absoluto.

O estudo dessa ciência, a estadia e o trabalho nesse reino das sombras é a formação absoluta e a disciplina da consciência. Ela realiza aí uma ocupação afastada das intuições e dos fins sensíveis, dos sentimentos e do mero mundo da representação apenas visado. Considerado por seu lado negativo, essa ocupação consiste no afastamento da contingência do pensamento raciocinante e da arbitrariedade de aceitar e de deixar valer esses ou aqueles fundamentos opostos.

Mas o pensamento conquista especialmente desse modo a autonomia e a independência. Ele se familiariza com o que é abstrato e, na progressão por meio de conceitos sem substratos sensíveis, ele se torna a potência inconsciente de acolher na forma racional a multiplicidade restante dos conhecimentos e as ciências, de apreendê-las e retê-las no que tem de essencial, de afastar o exterior e, desse modo, extrair delas o lógico (...).

Na última parte de sua introdução, Hegel fala da divisão geral da lógica. Nesse tópico, ele retoma o conceito de ciência da lógica, como a ciência do saber puro, e toda crítica à filosofia transcendental de Kant, Fichte e companhia limitada. Há, todavia, alguns conceitos por ele apresentados que serão importantes para o entendimento de sua ciência mais nobre e elementar. Para

não nos alongarmos mais nessa apresentação proponho expor tais conceitos de forma mais direta. Os conceitos apresentados pelo filósofo são sobre a divisão da lógica em subjetiva e objetiva. A primeira é subdividida em lógica do conceito e a segunda tem duas subdivisões, quais sejam: lógica do ser e a lógica da essência. Vejamos como Hegel nos explica tais categorias, partiremos das gerais, a saber, a lógica objetiva e a subjetiva:

A lógica objetiva assume muito mais o lugar da metafísica anterior, a qual era o edifício científico sobre o mundo, que apenas deveria ser executado por meio de pensamentos. – Se levarmos em consideração a última configuração do desenvolvimento dessa ciência, então ele é a primeira e imediatamente a ontologia, em cujo lugar se põe a lógica objetiva.

(...) A lógica subjetiva é a lógica do conceito – da essência que superou sua relação com um ser ou sua aparência e não é mais exterior em sua determinação, e sim o subjetivo autônomo e livre, que se determina a si mesmo, ou melhor, o sujeito mesmo.

Falaremos agora das ‘subdivisões’ da lógica: **A lógica do conceito** (a lógica subjetiva) trata do conceito enquanto conceito. Nela, as categorias são examinadas e o sujeito que pensa conceitua o ser na sua unidade da essência, e, portanto, chega a seu fim, já que em cada uma das determinações devidamente explicitadas e distinguidas está a unidade do conceito, donde o ser não é mais um exterior contra o conceito. Destarte, a unidade do conceito e do ser está realizada.

Como dito, a lógica objetiva é dividida em **A lógica da essência**, cuja função é a mediação entre o conceito enquanto ser e o conceito enquanto conceito; e **a lógica do ser** que pode ser pensada como o conceito em si, realizando a ele mesmo, o imediato.

Finalmente, o presente trabalho teve como objetivo principal apresentar, de modo exegético, a estruturação das ideias e dos conceitos de Hegel na introdução da Ciência da lógica, traduzida pelo professor Marco Aurélio Werle. Procuramos abarcar todos os conceitos e essências expostos no texto, sem interferir com explicações de comentadores ou especialistas. Além disso, citamos o autor de forma sistemática para refletirmos sobre as palavras do próprio autor sem interferências incisivas do escritor, no entanto, tal empreendimento não fora

feito com sucesso visto que um texto feito somente por citações seria chato e sem ritmo. O nosso papel aqui foi o de selecionar passagens do texto que são elementares para a nossa investigação. Espero ter obtido êxito.

**Bibliografia:**

HEGEL. *Ciência da Lógica (Excertos)*. Seleção e tradução Marco Aurélio Werle. São Paulo: Barcarolla, 2011, p. 21-45.

Data de Recebimento: 17/07/2013

Data de Aprovação para Publicação: 21/07/2013